

Universidade Federal de Sorocaba

Campus Sorocaba

Leticia Ferreira da Silva

**Entre acolhimento e "adaptação": brincar e cuidar na chegada das crianças na  
educação infantil**

Sorocaba

2025

Leticia Ferreira da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de pedagoga.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Dra. Maria Walburga dos Santos

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. M.a. Angelica Paola dos Santos  
Ferreira Nascimento

Sorocaba

2025

Silva, Leticia Ferreira da

Entre acolhimento e "adaptação": brincar e cuidar na chegada das crianças na educação infantil / Leticia Ferreira da Silva -- 2025.  
41f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Walburga dos Santos

Banca Examinadora: Ana Cristina Baladelli Silva, Thaise Vieira, Gabriela Aceituno

Bibliografia

1. Acolhimento na educação infantil. I. Silva, Leticia Ferreira da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979



## FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

## COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB/R

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 37/2025/CCPedL-So/CCHB/R

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

## ENTRE ACOLHIMENTO E "ADAPTAÇÃO": BRINCAR E CUIDAR NA CHEGADA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Sorocaba, 28 de novembro de 2025

## ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Maria Walburga dos Santos
Membro da Banca 1	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Cristina Baladelli Silva
Membro da Banca 2	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Thaise Vieira de Araújo
Membro da Banca 3	Prof. <sup>a</sup> M. <sup>a</sup> Gabriela Aceituno



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 28/11/2025, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **2073147** e o código CRC **39E17580**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.037087/2025-75

SEI nº 2073147

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

Assinado por:  
  
D12AF618AE15412...  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Baladelli Silva

DocuSigned by:  
  
5AC9EA58053D4C3...  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thaise Vieira de Araújo

Assinado por:  
  
132AE63F72D54FA...  
Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Gabriela Aceituno

Aos meus pais, que jamais mediram esforços  
para me ajudar a trilhar esse caminho.  
À minha avó, que mesmo não estando mais  
aqui, sempre seguirá comigo em meu coração e  
pensamentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, sem cujo apoio incondicional eu não estaria aqui hoje.

Ao meu namorado Gabriel, que me motiva todos os dias e acompanhou toda minha trajetória universitária com todo suporte, amor e carinho.

Agradeço a minha orientadora Maria Walburga dos Santos e a minha coorientadora Angelica Paola dos Santos Ferreira Nascimento por me guiarem nesse percurso, pela presença, companheirismo e por desmistificarem a ideia de que esta seria uma tarefa árdua.

Aos meus professores pelos ensinamentos e aos meus colegas por cada partilha em aula.

A Deus pela oportunidade de me formar e seguir meus sonhos.

“A infância é o chão sobre o qual  
caminharemos o resto de nossos dias”.  
(Lya Luft)

## MEMORIAL

Minha trajetória no curso de Pedagogia talvez tenha tido início inconscientemente, como um sonho de criança, que desde muito pequena gostava de brincar de dar aulas para os amigos, bonecas e familiares. Ao longo dos anos, mudei muitas vezes de resposta para o famoso questionamento “o que você quer ser quando crescer?”. Mas quando precisei realmente pensar a respeito disso com maior seriedade, às vésperas dos vestibulares e em um curso técnico que não me fazia feliz, sabia que queria cursar História.

Sempre tive mais facilidade em compreender e estudar matérias de ciências humanas. Gostava de assistir às aulas e entender como os acontecimentos e fatos históricos acarretam e refletem socialmente muitas vezes até os dias de hoje. Compreender essa importância, despertava minha vontade de estar em sala falando sobre a história do nosso país, assim como os professores que me ensinavam. Acredito que isso tenha facilitado assimilar as aulas que teria de História da Educação futuramente, a compreender o que em muito já sabia, mas agora com enfoque em políticas educacionais.

Infelizmente ou não, por dois anos tentei ingressar na universidade pública que almejava para a graduação em História, mas não obtive sucesso. Foi então que me deparei, através de uma rede social, com uma colega da época de escola cursando Pedagogia. Comecei a ponderar a possibilidade, visto que se tratava de uma licenciatura que também englobava o ensino de História. Hoje, penso que o exercício da pedagogia, talvez tenha me proporcionado maior experiência docente do que é estar em sala aula e das possibilidades de lecionar, do que a licenciatura de história teria me proporcionado.

Iniciei então o curso de Pedagogia na UFSCar em 2019. Moro a uma distância de 64 km do campus de Sorocaba, pegava van todos os dias para estar lá e apesar de a princípio não trabalhar, isso já conferiu uma grande mudança na minha rotina. O primeiro ano foi repleto de novas experiências e informações de um mundo novo para mim. A expectativa da formação universitária sempre fez parte da minha vida, meus pais não tiveram essa oportunidade e fizeram questão não somente de enaltecer sua importância, mas proporcionar até onde puderam, meios de me auxiliar a alcançá-la. Desse modo, havia algo em estar ali, que denota orgulho e responsabilidade, de demonstrar gratidão aos seus esforços, estudando da melhor maneira que pudesse.

Logo descobriria através das apresentações dos colegas de turma, que havia muitas histórias parecidas com a minha, outras ainda mais difíceis; diferentes realidades com algo em comum: força de vontade e amor em estar ali. A minha experiência de cursar uma faculdade noturna com o adicional de ser de outra cidade, me proporcionou uma vivência mais limitada.

Muitas palestras eram à tarde, assim como as atividades realizadas na biblioteca, o restaurante universitário fecha às 19h (horário em que chegava, apesar de não precisar necessariamente utilizá-lo), etc. O campus noturno difere muito do diurno em diversos aspectos, discussões essas, levantadas e reconhecidas frequentemente por alunos e docentes.

Por fim, o estudo das teorias e os relatos de colegas, me despertaram a vontade de dar início ao estágio remunerado, que consegui somente no segundo ano em uma escola pública de ensino fundamental. Infelizmente, pouco pude de fato estagiar, pois cerca de um mês depois, houve a eclosão da pandemia de COVID-19 e o consequente encerramento do contrato de estágio, já que as escolas suspenderam as aulas presenciais por tempo indeterminado. Existiam também os desafios do ensino remoto, que exigiram que nos adaptássemos a cursar as disciplinas de forma online; o que não foi fácil tanto para os alunos, quanto para os próprios professores. Ainda sinto que há uma lacuna deixada por esse período, com experiências incompletas, e práticas que só poderiam ter sido realizadas plenamente através de vivências presenciais.

Quando tudo retornou, havia o chamado “novo normal”, estávamos novamente de forma presencial nos trabalhos e escola, mas havia ainda o receio e as marcas deixadas por tantas mortes, sofrimentos e sequelas. Pensar esse retorno não é possível sem considerar os impactos gerados por esse período nas crianças, que durante tanto tempo ficaram longe das escolas, do convívio social e expostas muitas vezes a possíveis situações de vulnerabilidade e violências. De acordo com Beatriz Fernanda Jorge (2023), o isolamento gerado pela COVID-19<sup>1</sup> apenas evidenciou os isolamentos sociais que já estão intrínsecos na sociedade e que ocorrem de diferentes formas e a depender da condição social, escancarando segregações que já acometem a população mais pobre. Ainda nesse mesmo seguimento, a autora discorre que: “há uma dimensão da escola insubstituível na construção de uma comunidade que busca compreender, problematizar e reinventar o mundo”. E justamente por isso, a “impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes” (Jorge, 2023, apud Kohan, 2020, p. 5). Portanto, estar novamente nos espaços que são por direito das crianças e que por todo esse período foi-lhes privado,

---

<sup>1</sup>Até fevereiro de 2025, foram registrados no Brasil 39.181.954 casos de COVID-19 e 715.108 óbitos decorrentes da doença e complicações geradas por ela. A primeira dose de vacina aplicada no país ocorreu somente em 17 de janeiro de 2021, quase um ano após a confirmação do primeiro caso no país. (BRASIL. Ministério da Saúde. COVID-19: o que você precisa saber. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 24 fev. 2025

configurava agora, cuidar e atender novas demandas, como: impactos emocionais, de socialização, aprendizado e desigualdades ainda mais agravadas.

Foi nesse período também que consegui novamente um estágio no mesmo segmento, onde, era responsável por ajudar a professora em sala de aula (conforme orientação da coordenadora de acordo com as principais demandas) e conduzir o horário de descanso após o almoço, criando uma rotina condizente com os interesses da turma, incluindo brincadeiras e jogos pertinentes a esse período. Permaneci nessa escola por cerca de um ano e meio.

Foi então que me deparei com uma oportunidade de ser contratada como “auxiliar de sala”, em uma escola particular que atende do berçário ao quinto ano do Ensino Fundamental. Ser “Auxiliar de sala” na escola em questão, implica o auxílio em todas as atividades cotidianas, desde o acolhimento até o horário de saída, mantendo-se junto a professora regente e a turma em todos os momentos, dando suporte às atividades realizadas e momentos de cuidado (trocas, higiene, alimentação e sono); diferentemente, por exemplo, do estágio em que estava anteriormente, em que havia um rodízio de turmas e o auxílio era realizado conforme as maiores necessidades. Porém, além e acima de tantas funções, ser auxiliar é ser educadora e estar presente em sala de aula tanto quanto a professora ou muitas vezes mais. Ser auxiliar é buscar nos diversos momentos do dia, aprendizagens e trocas significativas com as crianças; adotar uma escuta e olhar atento para suas necessidades físicas e socioemocionais, para suas vontades, receios e questionamentos. Sobre essa importância, Gustavo Magalhães ressalta em seu trabalho de conclusão de curso que:

Muitas vezes, por conta da rotina, na correria deixamos de dar a devida atenção para certas particularidades, e o brincar nos mostra muito disso, há momentos em que a criança está dentro do seu próprio mundo imaginário, que só são possíveis de capturar quando concentramos o olhar para tal. (Magalhães, 2023, p. 3).

De forma conseguinte, trata-se de uma escola com amplo espaço verde, muito aproveitado para os momentos de brincadeiras das crianças; é permitido que elas explorem esse espaço e conseqüentemente se sujeem, sem desaprovações, valorizando o brincar livre em meio a natureza. Também não faz uso de um sistema apostilado, há turmas multisseriadas e não há o objetivo de alfabetização na pré-escola. Foi meu primeiro contato com a Educação Infantil e em uma escola onde eu me identificava com as práticas mencionadas; além disso, também pude transitar um pouco por cada turma, conhecendo as necessidades e o trabalho realizado com cada faixa etária.

A partir de julho de 2024, iniciei em uma turma de Maternal II (3 e 4 anos), onde havia crianças novas ingressando a partir do segundo semestre de aula. Não possuía, até então, experiência com a adaptação de crianças pequenas, mas auxiliava a professora da turma, junto

à outra auxiliar, por se tratar de uma turma grande com 18 crianças. Nessa escola, as crianças novas não permanecem na escola durante o dia todo, há uma semana de adaptação, onde, a cada dia, elas permanecem um pouco mais, até que, no último, espera-se que estejam prontas para passar o período completo.

Trata-se de um período desafiador e de muito aprendizado, que demanda da equipe escolar como um todo, paciência e afeto, e que se mostra gratificante ao poder observar o progresso desenvolvido durante esse processo; como a inserção da criança pequena na rotina escolar, aflora gradualmente através da sua familiaridade e bem-estar com os colegas, professoras e o ambiente; ainda que cada criança possua suas próprias especificidades e tempo para adquirir segurança nesse novo ambiente.

Esse TCC se forma então através de um pouco de todas as vivências mencionadas até aqui; e é acima de tudo sobre a prática docente e o ser professor, que está muito além de cursar pedagogia e colocar saberes em prática: “Ser professora e professor significa ter disposição para o exercício de muitas funções, das mais simples às mais complexas, a partir da especificidade de um mesmo papel” (Lombardi, 2015, p. 65). Requer um olhar atento às inúmeras necessidades e articulação de diferentes conhecimentos para dar o apoio e suporte que as crianças precisam; demandando que o professor reflita sobre o tipo de pedagogia que ele pretende construir junto às crianças. Levaremos em conta, nesta pesquisa, a busca por uma prática que se baseia em conceitos pedagógicos que auxiliem nesse percurso; mobilizando saberes sobre primeira infância, acolhimento, o brincar, o respeito à individualidade de cada criança, seus direitos e como se espera que as escolas/creches os coloquem em prática no cotidiano.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo pesquisar na bibliografia disponível as dificuldades e as estratégias utilizadas pelos profissionais de educação nos momentos de “adaptação” escolar em instituições de educação infantil e investigar como o brincar e o acolhimento podem auxiliar nesse processo. Com essa finalidade, foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa através de buscas feitas em bancos de dados de teses e dissertações sobre o tema, onde, foram selecionadas três dissertações para serem analisadas, ambas com pesquisas de campos que permitiram verificar através da observação direta as práticas realizadas pelos profissionais de educação nas instituições escolares. Observou-se desse modo, que as dificuldades relatadas evidenciam por muitas vezes, a falta de um planejamento direto que leve em conta as especificidades desse período, assim como, as estratégias apesar de auxiliarem, carecem de direcionamentos que se baseiem nas necessidades das crianças e famílias. Desse modo, nota-se uma fragilidade no que diz respeito ao respaldo teórico e legislativo, necessitando de maiores direcionamentos que norteiem os professores para perpassar esse período.

**Palavras-chave:** adaptação; acolhimento; educação infantil; brincar; cuidado.

## **ABSTRACT**

This final course paper aims to research, through available literature, the difficulties and strategies used by education professionals during the school adaptation period in early childhood education institutions, and to investigate how play and sheltering can assist in this process. To this end, a qualitative bibliographic research was carried out through searches in databases of theses and dissertations on the subject, where three dissertations were selected for analysis, all with field research that allowed verification through direct observation of the practices carried out by education professionals in school institutions. It was observed that the difficulties reported often highlight the lack of direct planning that takes into account the specificities of this period, as well as the strategies, although helpful, lacking directions based on the needs of children and families. Thus, a weakness is noted regarding theoretical and legislative support, requiring greater guidance to orient teachers to navigate this period.

**Keywords:** adaptation; sheltering; early childhood education; play; careful.

## **LISTA DE QUADRO**

Quadro 1 – Dissertações previamente selecionadas .....	19
Quadro 2 – Dificuldades relatadas em comum.....	29
Quadro 3 – Estratégias relatadas em comum.....	32

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	18
<b>3. PRIMEIRA INFÂNCIA</b> .....	22
<b>4. O CONCEITO DE ADAPTAÇÃO</b> .....	24
<b>5. NAS VIVÊNCIAS DAS CRECHES E PRÉ-ESCOLAS</b> .....	26
5.1 O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DAS AUTORAS .....	28
5.2 DIFICULDADES RELATADAS PELAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS .....	29
5.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS .....	32
5.4 MENÇÃO DO BRINCAR COMO UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA.....	35
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>8. REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, pensar na temática desse TCC, me remete a um caso específico que presenciei na escola em que trabalho como auxiliar. Tratava-se de um menino do Maternal I (2 ou 3 anos) em processo de adaptação, João (nome fictício) chorava muito desde o momento em que chegava até o momento em que ia embora. Ainda não se sentia confiante em brincar com as outras crianças e buscava na figura da professora um acalento, procurando estar sempre próximo a ela. João queria e pedia que a professora e coordenadora ligassem para seus pais; ora, ele mesmo pedia o aparelho para que fizesse isso. Como havia celulares inutilizados (com o propósito de serem usados como brinquedo) em outra turma, a professora emprestou um desses celulares para João, e iniciou uma brincadeira, onde eles podiam conversar com os pais dele e contar como estava o dia na escola, o que eles faziam em seguida e quando os pais viriam buscá-lo. Isso perdurou por alguns dias, com o passar do tempo o choro não era mais tão frequente e ele ansiava pela brincadeira com o celular. Com mais tempo decorrido, João passou a se permitir novas brincadeiras junto aos colegas e esquecer do telefone, assim como daquele sentimento que podemos supor, era de sofrimento mediante a separação e ausência de seus pais nesse novo ambiente.

O caso referenciado, é um exemplo de situação ocorrida ao longo de um processo de adaptação. Ele não perdurou por somente uma semana (tempo considerado para adaptação nessa escola) e exigiu da professora um olhar atento para enxergar nas colocações e necessidades trazidas pela criança, uma forma de auxiliá-lo através da brincadeira de faz de conta. Isso nos evidencia e desperta para o brincar em suas diferentes formas, como uma possível estratégia utilizada no processo de chegada de crianças desde bebês nas creches e pré-escolas. Como o faz de conta auxilia na assimilação do novo e proporciona que a criança compreenda melhor as situações que vivencia para que possa posteriormente superá-las.

É importante destacar que, por meio dessa pesquisa, buscar-se-á entender o conceito do que se considera “adaptação” e o período abrangido por ela. Uma vez que, torna-se questionável não somente sua definição, mas também a prática, devendo-se pensar de que maneiras se dá a entrada dessas crianças da primeira infância dentro da rotina escolar.

Salienta-se também que o emprego do termo “adaptação” é utilizado nesse trabalho por ser popularmente usual e conhecido nas escolas como o ingresso das crianças nas instituições de ensino. No entanto, como será definido posteriormente e evidenciado ao longo da pesquisa, “adaptar” conceitua-se como uma adequação da criança ao ambiente escolar, visando moldá-la segundo normas e preceitos pré-estabelecidos, sem levar em conta muitas vezes, suas

particularidades, vontades e necessidades. O que se busca através desse trabalho, no entanto, é defender que a chegada das crianças necessita de um olhar atento e cuidadoso para os bebês e crianças, não em um sentido de “adaptá-las” mas sim acolhê-las de maneira respeitosa, buscando meios de auxiliá-la nesse período.

Isso considerando inúmeros fatores do dia a dia que podem influenciar e acometer esse processo de diferentes formas: o espaço e sua organização, a quantidade de crianças, a quantidade de professoras e auxiliares, etc.

Desse modo, alguns dos fatores indispensáveis a serem considerados nesse trabalho, são o acolhimento e o respeito à criança e seus direitos. Não é incomum nos depararmos com notícias de violência cometidas por professores e educadores; e por violência, entende-se não somente a física, mas os diferentes tipos de agressões e negligências das quais as crianças podem ser acometidas. Vivemos ainda em mundo e em uma educação adultocêntrica, que por muitas vezes desconsidera as crianças como seres humanos de direitos e as inferioriza em prol da autoridade do adulto através de inúmeras repreensões que podem até mesmo ser inconsciente ao profissional que as aplica. A respeito disso, a professora Lúcia Lombardi (2015, p. 65) diz:

Quando nos dedicamos a trabalhar com linguagens expressivas e corporais no campo da educação, objetivamos desconstruir formas adultocentradas, autoritárias, hierarquizadas e cristalizadas de estabelecer relações a fim de possibilitar à criança um desenvolvimento sensível e integrador, que lhe permita usar o corpo como fonte de investigação do meio social e de conhecimento de si mesma. Objetivamos repensar as concepções de ser humano, de infância e de criança que perpassam nossas ações pedagógicas para que tratemos as crianças como pessoas merecedoras de maior respeito em relação às suas necessidades.

Desse modo, à luz do artigo 29 da LDB (Lei nº12.796 de 2013), onde foi estabelecido que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”; pode-se fundamentar que o modo como a adaptação é conduzida, torna-se um fator de impacto positivo ou negativo. Portanto, olhar para a chegada da criança pequena na escola, contribui para inúmeros aspectos fundamentais no seu crescimento e amadurecimento ao longo do período escolar.

A finalidade deste trabalho consiste então, em pesquisar na bibliografia disponível as estratégias utilizadas pelos profissionais de educação nos momentos de “adaptação” escolar em instituições de educação infantil, a fim de relacioná-lo com a importância do brincar na primeira infância.

Buscando para isso identificar quais são as estratégias e práticas utilizadas por profissionais da educação infantil no processo de chegada dos bebês e das crianças; e as

dificuldades que podem afetar esse processo, explorando como o acolhimento e o brincar podem atenuar essas dificuldades e promover um ingresso mais tranquilo, favorecendo o vínculo entre a criança e a escola.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho de conclusão do curso referido, tem como ponto de partida, compreender o termo “adaptação”, refletindo seu significado, designações e usos dentro do ambiente escolar. Com essa finalidade, foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa através de buscas feitas em bancos de dados de teses e dissertações sobre o tema, utilizando palavras-chave com enfoque em selecionar as práticas de profissionais que atuam nas instituições. Esse procedimento, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 37, apud Fonseca, 2002, p. 32), “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” e “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p. 45).

Analisou-se também, à luz do respaldo legislativo o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, do Ministério da Educação (Brasil, 1998)<sup>2</sup>, que apresenta propostas a respeito da manutenção de creches e pré-escolas humanizadoras e que respeitem integralmente as crianças, fazendo valer seus direitos, complementando com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2009), que defendem o planejamento pedagógico centrado na criança, considerando suas experiências, saberes e a necessidade de um desenvolvimento integral (físico, emocional, social e cognitivo).

Assim como o Diário do acolhimento na escola da infância (2013) do autor Gianfranco Staccioli, que trará através das vivências das crianças, experiências reais do dia a dia escolar, agregando através da observação, análises pertinentes a respeito do agir docente mediante as ações da criança; refletindo práticas respeitadas e acolhedoras para os bebês e crianças e como a organização dos espaços e a intencionalidade são pensadas de acordo com os propósitos pedagógicos que visam desenvolver.

O levantamento de dados foi realizado nas plataformas de pesquisas Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Oasis do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), onde, através das

---

<sup>2</sup> Compreende-se que há novos documentos como que já superaram o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e que são utilizados atualmente como base norteadora, como é o caso Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. No entanto, considerou-se sua utilização levando em conta a importância histórica e por trazer direcionamentos para o termo referenciado “adaptação.”.

palavras-chave “acolhimento” e “adaptação”, "acolhimento e adaptação", “adaptação e acolhimento”, “acolhimento” e “adaptação” e “adaptação” e “brincar”; e dos filtros por área “educação” e “psicologia” e ano (2010-2025), foram selecionados dez textos que, de acordo com os títulos, áreas de pesquisa e resumo, condizem de alguma maneira com o tema de pesquisa.

Observou-se que durante a conferência dos resultados de pesquisa, havia dissertações da área da educação com um enfoque em educação especial e inclusiva e outras ainda anteriores a plataforma CAPES de pesquisa, de modo que não era possível acessar e localizar o texto de forma online.

A partir então de outra análise, das dez dissertações, foram selecionadas seis, utilizando o critério de filtrar somente pesquisas do Brasil, a fim de que fosse possível entender como se aplicam os processos acolhimento e estabelecer parâmetros comparativos com base nas legislações e na realidade de escolas de educação infantil brasileiras.

Por fim, com base em uma releitura e fichamento dos resumos das seis dissertações, foi feita um quadro de alguns critérios que facilitassem o processo de verificar se ainda era possível filtrar novamente os textos, sendo eles: ano, local, metodologia e principais pontos. Desse modo, as dissertações que permaneceram, são as que possuem enfoque em analisar como ocorre essa chegada nas escolas analisadas, assim como, o caráter investigativo e exploratório de pesquisas e entrevistas com os docentes, a fim de entender através do professor como ocorre na prática diária escolar.

Quadro 1 – Dissertações previamente selecionadas

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Local</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Metodologia</b>
Estratégias de transição e implementação institucional com o ingresso de bebês em instituições de Educação Infantil - Cíntia Regina Czysz de Castro  Dissertação em Psicologia	2024	Ribeirão Preto - SP	Bebês	Qualitativa - perspectiva teórico-metodológica  Entrevista com as professoras
Processos de implementação da BNCC na educação infantil: o trabalho didático pedagógico sob o olhar da linguagem corporal - Andrei Minuzzi Folgiarini  TCC de mestrado em Políticas Públicas e Gestão Escolar	2021	Santa Maria - RS	0 - 5 Anos	Qualitativa - sujeitos e documentos  Entrevista com 4 docentes
O ingresso da criança na creche	2010	São Paulo	3 - 12	Qualitativa -

e os vínculos iniciais - Eliane Sukerth Pantalena  Trabalho de Mestrado			anos	etnográfica  Entrevistas, questionários e observações
Saberes da docência: especificidades identitárias das professoras de crianças bem pequenas de escolas infantis do proinfância de Frederico Westphalen e região - Natana Fussinger  Mestrado em Educação	2021	Frederico Westphalen – RS	1 a 4	Qualitativa - hermenêutica  Pesquisa de campo: grupo focal e entrevistas
As primeiras experiências das crianças na educação infantil - Célia Verônica Marcarini  Dissertação de Mestrado em Educação	2012	Vitória – ES	3 Anos	Estudo exploratório de caráter qualitativo/ estudo de caso etnográfico
A chegada dos bebês na escola de educação infantil: acolher com sensibilidade - Luciana Stumpf Ristof  Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências	2020	Ijuí – RS	Bebês	Pesquisa qualitativa etnográfica  Entrevistas - observação participante

Fonte: elaborado pela própria autora

A partir da análise do quadro, observa-se que cinco dissertações possuem entrevistas com os docentes como parte do levantamento de dados, critério considerado importante na seleção da pesquisa bibliográfica, por dispor diretamente da experiência e perspectiva do professor, uma vez que ele é a figura central desse processo. Apesar da dissertação intitulada “As primeiras experiências das crianças na educação infantil” (2012) da autora Célia Verônica Marcarini não contar com entrevistas, a metodologia utilizada consiste em um estudo de caso etnográfico, onde a autora investiga através da observação participante como esses processos se desenvolvem.

Apesar disso, a dissertação: “Processos de implementação da BNCC na educação infantil: o trabalho didático pedagógico sob o olhar da linguagem corporal”, possui um objetivo de pesquisa que difere das demais, que é compreender de que forma as proposições referentes a Base Nacional Comum Curricular implicam a organização de conhecimentos referentes a linguagem corporal. Desse modo, ainda que os termos “adaptação” e “acolhimento” façam parte do processo de busca do autor, não é o foco principal da pesquisa, diferente das demais

dissertações, que em seus problemas de pesquisa possuem objetivos como: observar e compreender o período de “adaptação”, investigar como as instituições recebem os bebês e se existem estratégias que facilitam esse processo, como ocorrem as primeiras experiências das crianças nas instituições e saberes docentes.

Ainda sob essa perspectiva, justifica-se a escolha de uma dissertação que, embora pertença a área de Psicologia, condiz com as buscas e respostas que se espera encontrar para os problemas de pesquisa deste trabalho. O recorte temporal (2012-2024), por sua vez, abrange um período maior, permitindo que se possa analisar as mudanças e evoluções de embasamentos legais e como eles influenciam as metodologias e práticas adotadas nas escolas.

Em “Saberes da docência: especificidades identitárias das professoras de crianças bem pequenas de escolas infantis do proinfância de Frederico Westphalen e região”, apesar de o texto contar com considerações sobre “adaptação” e “acolhimento”, o enfoque da pesquisa não é somente esse, uma vez que a autora traz os diferentes saberes, abrangendo uma maior gama de assuntos que para os fins desta pesquisa não serão utilizados.

“A chegada dos bebês na escola de educação infantil: acolher com sensibilidade”, por sua vez, traz como parte da pesquisa bibliográfica, textos que também estão sendo utilizados na pesquisa deste trabalho. Desse modo, optou-se por não o incluir, visto que esses dados serão analisados por meio da bibliografia que ele utiliza como base.

Assim, por tanto, os textos analisados serão: O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais, Estratégias de transição e implementação institucional com o ingresso de bebês em instituições de Educação Infantil e As primeiras experiências das crianças na educação infantil.

Para fins de análise dos textos selecionados, essa pesquisa utilizará a técnica de análise de conteúdo com o propósito de interpretar qualitativamente os dados coletados. Segundo Gomes (2002, p. 74), através desse método “podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação”. Desse modo, trabalhando através das categorias, será possível classificar e investigar o que os textos possuem em comum uns com os outros, permitindo o agrupamento e uma representação simplificada dos dados (Bardin, 1997).

Inicialmente, criou-se as categorias “Dificuldades relatadas pelas professoras entrevistadas”, “Estratégias utilizadas pelas professoras entrevistadas” e “Menção do brincar como uma possível estratégia” pensando na análise do que diriam as professoras e o que seria observado através de suas práticas para as pesquisas de dissertações selecionadas. Entretanto,

através da leitura dos textos, fez-se pertinente uma nova categoria que trouxesse também o processo de análise e pesquisa das autoras, criando-se assim: “O levantamento bibliográfico das autoras”, a fim de investigar como foi o desenvolvimento desse material e comparar o que trazem em comparação com as falas das docentes entrevistadas.

### **3. PRIMEIRA INFÂNCIA**

Conhecida como Marco Legal da Primeira Infância, a lei 13.257/2016, art.2º define primeira infância como “o período que abrange os primeiros seis anos completos ou 72 meses de vida da criança”. Apesar dos direitos das crianças serem estabelecidos constitucionalmente desde 1988, é somente com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que as crianças passam a ser reconhecidas como sujeitos de direitos que devem ser assegurados pelo Estado. Ao voltar-se pela primeira vez especificamente para a primeira infância, passa-se a considerar a importância de salientar os diferentes cuidados que envolvem essa etapa, reconhecendo que as experiências vivenciadas nesse período são fundamentais para o desenvolvimento da criança, impactando diretamente em sua saúde, educação, bem-estar e aprendizado ao longo da vida.

Ao pensar no porquê da valorização de leis que assegurem e estabeleçam o cuidado de bebês e crianças pequenas, há diferentes perspectivas e estudos que salientam essa importância a partir de suas respectivas concepções, como por exemplo, a área da saúde, da psicologia e da sociologia. Os pensamentos que partem do ponto de vista pedagógico, no entanto, consideram os diferentes tipos de infância e debatem até mesmo o período que a delimita; tendo em conta que os fatores sociais, políticos, de gênero e raciais implicam diretamente na maneira como essas infâncias são vividas e marcadas.

Segundo Rosemberg (2010), o rompimento da perspectiva de produções teóricas fundamentalistas que adotam a concepção de infância a seu serviço, inauguram a visão da infância como uma construção social que concebe a criança como um ator social. A infância passa a ser vista e compreendida então, integralmente, buscando um desenvolvimento que atenda não somente às necessidades da criança, mas passe a abranger a infância pelo que é em sua totalidade presente, não apenas com o intuito de educar um adulto em formação.

Ainda segundo a fala da autora: “[...] entendemos a delimitação das etapas da vida também como uma construção social que, no ocidente contemporâneo, hierarquiza as idades, posicionando o adulto como ápice dessa hierarquia” (Rosemberg, 2010, p. 695), pode-se perceber que o adultocentrismo na relação estabelecida com as crianças, faz com que as vontades, interesses, conhecimentos e olhares infantis; sejam muitas vezes inviabilizados e

colocados de lado em detrimento do que os adultos falam e determinam como correto para que sejam vistos como figuras de autoridade.

No contexto social brasileiro, no que diz respeito à infância e os marcos legais da educação infantil, há ainda inúmeros desafios que percorrem o seu cumprimento e sua legitimação nas esferas públicas. Desde que passou a ser desconsiderada como assistencialista e tornou-se vinculada ao sistema de ensino, as creches e pré-escolas evidenciam a necessidade de ter uma política própria e adequada que defenda e reconheça as necessidades das crianças e seja condizente com as diretrizes estabelecidas, viabilizando uma educação de qualidade.

Para isso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, determinam no Art.8º que:

Na efetivação desse objetivo, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil, deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: I - a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como indissociável ao processo educativo”. Desse modo, entende-se que o cuidado deve permear todos os momentos e ações pedagógicas presentes no dia a dia das crianças, desde sua chegada na escola, aos momentos de alimentação, higiene pessoal, brincadeiras, atividades e aos sentimentos que exprime ao longo do dia.

O cuidado está contido no acolher, que segundo Staccioli (2013, p. 26) “[...] não diz respeito apenas aos primeiros momentos da manhã ou aos primeiros dias do ano escolar. O acolhimento é um método complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo”. As trocas diárias que acontecem entre a criança e o professor ou entre uma criança e outra, durante os diferentes momentos do dia a dia escolar, são fontes ricas de observação do trabalho pedagógico. Através das relações e do brincar, a criança desenvolve diferentes aprendizados, compreendendo sobre si mesma e como se relacionar com o outro.

Para o autor, para que isso ocorra, é necessário que para o professor esteja claramente estabelecido as intencionalidades pedagógicas que ocorrem nas diferentes ações da criança. Ao decorrer do livro, isso fica evidente quando o professor percebe através das brincadeiras, quais são os interesses e demandas que as crianças trazem consigo, para que possa então planejar e conduzir as atividades a partir disso.

Brincar esse, que tanto em O Diário do Acolhimento na Escola da Infância, quanto para as considerações acerca do brincar neste trabalho, partem da definição da autora Kishimoto (2010, p. 1) de que “O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário”.

O brincar permite que os bebês e as crianças, explorem e descubram o mundo da sua forma. Os bebês através do toque, dos cheiros, das texturas, do ato de colocar na boca, experienciam o contato com os brinquedos e objetos que são dispostos a eles. Através da imitação, aprendem os primeiros conceitos do brincar, seja com a professora, com outros bebês ou até mesmo sozinho. Com o decorrer do tempo, as crianças pequenas desenvolvem a brincadeira de maneira mais autônoma, representando através do faz de conta situações que ela vive, incorporando o papel de outras pessoas com quem convive ou personagens.

É através da brincadeira então, que segundo Kishimoto (2010), a criança expressa os diferentes tipos de linguagem, usam o corpo e os sentidos, produzindo e reproduzindo através dela, a cultura da infância.

No Diário do Acolhimento na Infância, as brincadeiras são estimuladas para que ocorram de forma autônoma segundo a imaginação das crianças, as professoras apenas auxiliam com intervenções pontuais mediante alguma dificuldade. A autonomia do brincar e a expressão da criatividade, no entanto, podem ocorrer porque os espaços são pensados e organizados para que as crianças possam acessar os brinquedos e ter à sua disposição materiais adequados para desenvolver as suas ideias.

Em consonância, Gianfranco (2013) mostra que dar voz e evidenciar às crianças que suas ideias são importantes, também constitui uma das formas de acolhimento defendidas pelo autor. As opiniões e as vontades das crianças em assuntos referentes à escola são levadas em consideração, de modo que, as decisões são direcionadas a partir da participação de professores, pais e das crianças.

Como é caso de uma situação, onde, um dos pais nota que o túnel onde as crianças brincam precisa ser consertado. O assunto é levado para a reunião de pais; alguns concordam e outros sugerem que o melhor seria retirar o túnel de uma vez, por ser considerado perigoso, feio e sujo. Uma das mães, no entanto, sugere ouvir a opinião das crianças, movimento que é feito através de uma atividade com a intervenção e direcionamento da professora. A maioria das crianças concorda com a ideia de consertar o túnel e contribuem com sugestões através de desenhos, de como o túnel poderia ficar após reformado. Quando optam por consertar o túnel, nota-se a importância de ouvir as crianças sobre os assuntos que as afetam diretamente.

#### **4. O CONCEITO DE ADAPTAÇÃO**

O termo “adaptação” é amplamente utilizado nas escolas e creches no Brasil, sendo compreendido como o período inicial que sucede a chegada do bebê e da criança na instituição

escolar. “Adaptação” tem como significado: “1. Ação ou efeito de adaptar(-se); adaptamento. 2. Ato ou efeito de acomodar(-se); acomodação, ajustamento. [...] 4. Biol: Processo pelo qual os indivíduos (ou as espécies) passam a possuir caracteres adequados para viver em determinado ambiente” (Adaptação, 2025).

Nota-se então, que o significado de adaptar, está vinculado a uma concepção biológica, que exprime a ideia de adquirir mecanismos e habilidades para se encaixar em determinado ambiente, pensamento que difere das reflexões trazidas neste trabalho. Pensando do ponto de vista pedagógico, observa-se que a adaptação carrega consigo comumente, preceitos, hábitos e comportamentos que as crianças devem internalizar; práticas essas, que conforme concebidas nesse trabalho, são opostas às de acolhimento. Em consonância, Marcarini (2012, p. 60) diz:

Assim, essas ideias apontam para a capacidade do indivíduo em responder positivamente, por meio de seu comportamento, às novas situações, trazendo em sua síntese a evidência de uma “interação harmoniosa com o meio”, “ajustamento eficaz” e “respostas adequadas às situações”, para ter, assim, “uma boa adaptação”.

Em sua pesquisa a autora Pantalena (2010) traz a terminologia “inserimento”, conceito utilizado na abordagem italiana em instituições educacionais como Centro Loris Malaguzzi e outras de Emilia Romagna.

O termo designa não somente a chegada dos bebês e crianças na pré-escola, mas é caracterizado por um conjunto de práticas e estratégias que visam dar início a esse processo através da dedicação em acolher as crianças e as famílias.

É estimulado que os pais estejam envolvidos com o processo de inserimento através de encontros para visitar e conhecer previamente a instituição, assim como as professoras visitam a casa das crianças para conhecer a rotina e relação parental. Há também reuniões para sanar dúvidas e encorajar a participação durante esse período. Sobre isso, Pantalena (2010, p. 20) ressalva:

A partir desses primeiros contatos, a família (criança e um dos pais ou substituto) é convidada a passar um período na creche, determinado pelo próprio andamento do inserimento. Flexibilidade e respostas personalizadas permeiam todo o processo do inserimento. A creche e a escola de infância realizam atendimento em período integral ou parcial, de acordo com a conveniência da família, mas o horário de atendimento é ainda mais flexível durante o inserimento.

É importante destacar que ao estudar uma metodologia educacional aplicada em outro país ou até mesmo em determinado contexto, há a cautela de analisar as particularidades, demandas e cenário sócio-cultural e político em questão. A respeito disso, a autora Pantalena (2010, p. 22 apud, Bove 2002, p. 147) aponta:

Precisamos ter em mente que nenhuma estratégia educacional pode ser transplantada de um cenário cultural para outro. Entretanto, continuar examinando as práticas

culturais e estimular o entendimento intercultural recíproco pode encorajar o maior desenvolvimento da educação infantil de alta qualidade em todos os contextos culturais. (...) O inserimento é um processo nunca acabado de crescimento, transformação e mútuo conhecimento.

É a partir dessa percepção, que o presente trabalho busca através de análises bibliográficas e legislativas o que as pesquisadoras encontraram a respeito da temática nas creches e pré-escolas brasileiras, com o intuito de analisar através dessa ótica, as implementações utilizadas e as possíveis necessidades de mudanças nas estratégias em vigor.

## **5. NAS VIVÊNCIAS DAS CRECHES E PRÉ-ESCOLAS**

A partir da leitura das dissertações selecionadas e da organização das categorias, a exposição dos resultados encontrados e sua análise, se dará através de tópicos.

Estruturada dessa forma, permitirá visualizar com maior facilidade quais foram os principais pontos encontrados nos textos e o que os autores e a fundamentação teórica dizem a respeito de cada um deles. Por se tratar de dissertações que contam com pesquisas de campo e entrevistas, os resultados trarão categorias que analisam o que as pesquisadoras encontraram na bibliografia disponível e o que encontraram a partir das observações realizadas na prática escolar.

Desse modo, as categorias dividem-se em quatro principais: o levantamento bibliográfico das autoras, dificuldades relatadas pelas professoras entrevistadas, estratégias utilizadas pelas professoras entrevistadas e menção do brincar como uma possível estratégia.

A fim de compreender quais são as creches analisadas e seus contextos sociais e características (espaço, estrutura das salas, quantidade de crianças e funcionários, etc.), torna-se essencial uma breve contextualização de uma cada, uma vez que, conhecer a realidade e circunstâncias nas quais estão inseridas, também faz parte do processo de pesquisa.

Em sua pesquisa a autora Pantalena (2010) acompanhou as turmas de Berçário 1 A e B com bebês de até um ano na creche de nome fictício Anita Alves. Esta creche está localizada na periferia de São Paulo e atende uma população de baixo nível socioeconômico.

O corpo docente é composto por 22 professoras, sendo que 19 têm nível superior, 2 estão cursando Pedagogia e 1 é Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) com Magistério.

Para o período de “adaptação” em 2008, as turmas foram divididas em dois grupos: um pela manhã, das 8h às 10h, e outro à tarde, das 14h às 16h.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas dirigidas e espontâneas, questionário e observações.

Na pesquisa de Castro (2024) por sua vez, foram analisadas três instituições de educação infantil no interior de São Paulo, sendo duas filantrópicas e uma pública universitária, intituladas para fins de pesquisa Creche 1, 2 e 3.

A creche 1, é localizada próximo a um bairro industrial e atende a uma população de baixa renda. Conta com um corpo de funcionários de 27 pessoas, entre educadores, auxiliares, professores de educação física e música, cozinheira, serviços gerais e administrativos. Em relação ao berçário, as salas são amplas e arejadas, possuem locais próprios para banhos e trocas, mas não para alimentação. No ano de 2017, 20 bebês menores de um ano foram recebidos durante o ingresso, sob os cuidados de 3 professoras com formação em pedagogia.

A creche 2 é localizada em um bairro popular de uma cidade no interior de São Paulo, se tratando de uma instituição gratuita entre uma parceria da prefeitura e uma Organização Não Governamental. Atende bebês e crianças de 0 a 6 anos de idade. Os espaços são descritos como amplos e arejados com locais apropriados para banho e alimentação. Essa sala atendeu 18 bebês menores de um ano durante o ingresso, contando com 4 professoras (duas em período integral e duas em meio período.)

A creche 3 é universitária e atende somente aos filhos de funcionários vinculados a ela. Conta com salas amplas com subdivisões, ambientes próprios para cada atividade e um quadro de funcionários vasto e variado (contando com nutricionista, psicólogo e técnico de enfermagem). Nessa turma, foram atendidos 12 bebês, contando com quatro professoras, duas em cada período (manhã e tarde) e um auxílio de outros adultos durante os momentos com maior demanda, como trocas, banhos e alimentação.

A escola acompanhada por Marcarini (2012) fica no município de Vila Velha-ES e é frequentada por crianças da camada popular. O espaço da escola conta com árvores, tanques de areia e espaços gramados.

A turma escolhida, do Infantil 3, é uma das seis turmas do turno vespertino, e é composta por crianças de 3 anos de idade. O infantil 3 C, foi escolhido pela pesquisadora por ser uma turma que segundo a diretora, as professoras não tendem a escolher por ser “difícil” de trabalhar, devido aos choros e falta de familiaridade com a escola e rotina.

Essa turma conta com dezenove crianças, uma professora formada em pedagogia e uma professora auxiliar com formação no ensino médio.

## 5.1 O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DAS AUTORAS

A partir da leitura das dissertações que embasam essa pesquisa, notou-se que além do conteúdo informativo gerado através da análise das entrevistas, as pesquisadoras também trazem uma vasta gama de dados sobre o tema gerado através de pesquisas bibliográficas realizadas por elas. Sendo assim, considerou-se pertinente para melhor compreensão e investigação dessas referências, a divisão do conteúdo entre os tópicos anteriormente citados.

Na dissertação de Castro (2024) a autora analisou 31 artigos em diferentes línguas (inglês, francês, alemão, italiano e português de Portugal). Embora a princípio, com o objetivo de pesquisar bebês de 0 a 3 anos, a autora considerou o recorte dessa faixa etária muito abrangente. Dessa forma, optou por selecionar um novo recorte etário (0 a 1,5 ano), tendo em vista as diferenças e especificidades distintas que marcam a chegada de crianças de 1,5 a 3 anos.

Da seleção de textos encontrados, Castro (2024) sistematizou através de um gráfico a porcentagem de artigos por década, chegando nos seguintes dados: 39% das décadas de 2020 e 2010, 19% da década de 2010 e apenas 3% da década de 1990. Sobre o crescimento de publicações sobre a temática, Castro (2024, p. 45) considera que:

[...] corrobora a hipótese de que o meio científico tem se preocupado cada vez mais com o bem-estar de bebês em instituições de educação infantil. [...] Devido a crescente demanda de serviços de atendimentos aos bebês e crianças pequenas, o estudo dos processos inerentes a este público (bebês) têm se tornado uma tendência científica, lançando foco sobre situações específicas como as transições dos bebês de casa para a creche, e toda a miríade de sentimentos e emoções que este processo causa em todos os envolvidos.

Das áreas do conhecimento, a maior parte dos artigos (14) são de Psicologia, seguido por Educação com 7 artigos. Com relação ao país, 17 artigos correspondem a publicações do Brasil. Segundo a autora (Castro, 2024, p. 47) isso se deve ao fato de que:

Um modelo pedagógico que foca na dinâmica em grupos é desenvolvido por Maria Clotilde Rossetti Ferreira e colegas, no Brasil. No final da década de 1970, tornou-se uma das primeiras professoras no Brasil a estudar o desenvolvimento e a educação da primeira infância. Rossetti Ferreira e outras pesquisadoras desenvolveram uma nova abordagem teórica para analisar as complexidades da vida de bebês, das crianças, pais e cuidadores (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004; Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 2000; Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000) em situação de ingresso em instituições de educação infantil.

Em Pantalena (2010), a autora traz pesquisas referentes a Teoria do Apego para como fundamentação teórica para defender como deve ser desenvolvido o relacionamento entre bebê, creche e família durante o período de inserimento (termo utilizado pela autora).

Segundo a teoria, o bebê possui uma figura de apego, alguém com quem se sente seguro, geralmente algum familiar. De acordo com Pantalena (2010, p. 28), a princípio a professora

estabelece-se como uma figura de apego subsidiária, mas “[...] À medida que o bebê se familiariza com o ambiente, estabelece novas figuras de apego e acostuma-se à rotina de separação e reencontro com a figura de apego principal”.

O sucesso desse processo, no entanto, se dá mediante ao bom desenvolvimento da tríade mãe-bebê-professora, que ocorre quando mãe e bebê passam a sentir-se seguros; a mãe em confiar na professora e na creche para vivenciar o afastamento e o bebê quando experiencia a rotina e a separação sem medo do abandono (Pantalena, 2010, p. 50). Ainda em consonância Pantalena (2010) diz: que “O sucesso das diferentes configurações da tríade depende de boas transições, que dependem de uma boa comunicação e garantia de que o desejo da criança será considerado”.

Marcarini (2012) baseia sua pesquisa utilizando autores como Sarmento para embasamento teórico, trazendo a perspectiva de um estudo sobre as infâncias que respeite as crianças como produtoras de uma cultura; analisando como as creches e escolas muitas vezes as apagam através de uma padronização de comportamentos e valorização de costumes tradicionais.

## 5.2 DIFICULDADES RELATADAS PELAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Ao analisar não somente as entrevistas, mas também as observações realizadas pelas pesquisadoras durante o acompanhamento do cotidiano escolar, é possível notar que o dia a dia da “adaptação” passa por diversas situações muitas vezes desafiadoras, tanto para a criança, quanto para as professoras e famílias.

É necessário compreender, de início, que a chegada do bebê e da criança na creche e pré-escola causa insegurança nas famílias, que se veem obrigadas a deixar os filhos em um ambiente distinto do familiar (Marcarini, 2012), e também nas professoras – conforme veremos adiante ao longo do texto. Desse modo, ouvir diretamente das docentes quais são as dificuldades encontradas por elas durante esse período, auxiliará no processo de entendimento das estratégias, a fim de relacioná-los e encontrar meios de possibilitar que esse período se torne o mais acolhedor e tranquilo possível para todos.

Para isso, o quadro abaixo foi organizado com o intuito de facilitar a visualização das principais dificuldades em comum abordadas nos três textos:

Quadro 2 – Dificuldades relatadas em comum

<b>Dificuldades em comum no relato das professoras entrevistadas</b>	<b>Quantidades de textos em que aparecem</b>
--	--

Rotinas diárias intensas que dificultam maior atenção individual e atenta aos bebês/crianças	2
Um grupo grande, com muitos bebês na mesma turma	2
A criança não conhece a escola e as professoras previamente	2
Sem planejamento prévio eficaz e/ou participativo	3

Fonte: elaborado pela autora

Observando as informações, nota-se que o único aspecto em comum nos três textos é a falta de um planejamento adequado para fundamentar e guiar as professoras durante esse período. Houve professoras que não conheciam previamente as crianças e apesar de existir uma ficha informativa/questionário preenchido no ato da matrícula, muitas vezes não chega até as educadoras (Castro, 2024). A troca de professora durante esse período, também evidencia uma contradição na organização da instituição, condição que pode prejudicar a continuidade do trabalho de acolhimento, uma vez que a criação de vínculos fica comprometida.

Em outro caso, a coordenadora pedagógica diz achar que as mães deveriam participar mais ativamente desse período, mas não possui argumentos para defender esse ponto de vista. Há opiniões divergentes entre as professoras quanto a isso, algumas pensam que a presença dos pais pode contribuir ativamente para conhecer mais sobre a criança, sua rotina e criar vínculos; outras no entanto, pensam que com os pais o processo é mais doloroso para a criança, além de se sentirem intimidadas com a observação e interferências que tornam, segundo elas, o processo mais lento e dificultoso. Pantelena (2010, p. 90) observa sobre essa mesma creche que “[...] a rotina do bebê é totalmente desconsiderada. O horário é definido por questões administrativas, não considerando o período de sono”, observação que também é feita pelos pais que afirmam que a “adaptação” é realizada no horário em que os filhos dormem em casa, tornando incoerente que a criança vá para escola somente para dormir.

Em outro contexto, a pesquisadora observou que não há um planejamento coletivo que pense em estratégias para acolher as crianças e que as ações das professoras partem de iniciativas individualizadas. Ainda com relação a isso, Marcarini (2012, p. 28 apud Oliveira, 2010, p. 4) cita que:

[...] as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) apontam que as práticas educacionais devem ser “[...] organizadas em torno do conhecimento em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças.

Em consonância, a falta de um planejamento eficaz que pense os diferentes aspectos do acolhimento durante a chegada das crianças, acarreta outras dificuldades encontradas pelas

professoras, como é o caso das rotinas diárias intensas que dificultam maior atenção individual e atenta aos bebês/crianças. Sobre isso, é relatado por uma das professoras que, apesar de saber e reconhecer sobre a importância de acolher com carinho, dar atenção e colo às crianças, o ritmo da rotina acaba impossibilitando que esses momentos de troca entre professora e bebês/crianças ocorram com frequência. Em outra creche, a pesquisadora observa que “É difícil para as professoras darem atenção para os bebês durante a alimentação, pois atendem quatro bebês ao mesmo tempo” (Pantalena, 2010, p. 92).

A dificuldade em oferecer atenção individualizada às crianças é agravada por turmas numerosas. Por exemplo, a turma de 20 bebês para 3 professoras, embora cumpra a proporção legal, exige um cuidado ainda maior, dada a natureza dos bebês e o desafio de chegada em um ambiente novo e desconhecido, o que frequentemente é expresso em choro e insegurança.

O choro é um fator recorrente durante a chegada dos bebês e parece gerar incômodo tanto nos pais quanto nas professoras que tentam cessá-lo. Em uma situação relatada, durante o primeiro dia da chegada dos bebês, de acordo com Pantalena (2010), uma das professoras leva o bebê para a frente do espelho e diz: “que feio chorar, olha que feio chorar”, em outro momento, uma fala similar mostra como o choro é visto e compreendido pela professora: “O choro não me incomoda, porque não é choro de dor” (Pantalena, 2010, p. 94).

Nota-se que o choro não é entendido e acolhido como uma forma de expressar diferentes sentimentos e incômodos. Como nota Pantalena (2010, p. 94) ao observar:

Por desconhecer os diferentes tipos de choro e seus significados valoriza-se o cuidado físico (a dor física merece mais atenção, mas o choro por medo, angústia ou sensação de abandono não). As professoras não percebem o choro como comunicação de mal-estar.

Tem-se então a visão de que o choro é um fator comum durante os primeiros dias e que não é necessário lhe dar a devida atenção. Sobre isso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (1998) aponta que:

[..] parece haver, também, uma crença de que o choro é inevitável e que a criança acabará se acostumando, vencida pelo esgotamento físico ou emocional, parando de chorar. Alguns acreditam que, se derem muita atenção e as pegarem no colo, as crianças se tornarão manhosas, deixando-as chorar. Essa experiência deve ser evitada. Deve ser dada uma atenção especial às crianças, nesses momentos de choro, pegando no colo ou sugerindo-lhes atividades interessantes.

Desse modo, é importante estar atento para as diferentes linguagens e expressões do bebê e da criança, uma vez que, o choro não é o único meio de manifestar inquietação

e incômodo, assim como não chorar, não é indício de que a criança esteja adaptada e confortável. Sobre isso, Marcarini (2012, p. 73) relata uma situação observada por ela:

A resistência de Daniel a essa rotina que se inicia não é manifestada com reações que despertem a atenção do adulto, pois ele não incomoda, apenas observa e mantém-se calado. Porém, as crianças muito podem dizer com seus silêncios ou com outras formas de linguagens. Daniel diz com seu corpo, com seu rosto, com seu olhar que não está vivendo essa experiência com satisfação.

Parte desses desconfortos, talvez pudessem ser evitados ou minimizados, caso as crianças conhecessem previamente a creche/escola e as professoras, o que não ocorre em duas das situações observadas pelas pesquisadoras. A insegurança de um lugar desconhecido gera mais tensões e resistências, dificultando o contato e socialização com novas pessoas, familiaridade com a rotina e segurança em explorar e conhecer o novo espaço no qual está inserida.

É importante também que coordenação e equipe pedagógica estejam atentos e dispostos a ouvir os pais e responsáveis, no intuito de articular a rotina com as necessidades e especificidades que surgirem, buscando uma maior flexibilidade que possa atendê-los. Como é o caso observado através das falas de alguns pais que demonstram sua insatisfação (Pantalena, 2010, p. 76):

—E está sendo complicado para nós. Não dá para sair, para resolver nada.  
 —Eu estou perdendo três semanas sem trabalhar. Eu sou cabeleireira num salão no centro e estou sem poder trabalhar.  
 —Eu também perdi um emprego ontem, porque não ia poder ir nestes dias.  
 —Se fosse pelo menos uma semana, mas duas semanas... A professora me disse que tem que pensar na criança, mas não é assim... se eu não pensasse, não tinha colocado na creche.

Uma boa relação entre os pais e a escola e conseqüentemente entre a criança, não será desenvolvida em meio a imposições que não levem em conta a realidade familiar. É necessário que os responsáveis também sintam-se acolhidos e reconhecidos para que possam ver, compreender e participar ativamente desse período sem maiores afligimentos.

### **5.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS**

Assim como as dificuldades estão presentes nesse período, existem também estratégias que são utilizadas pelas professoras e equipe pedagógica que auxiliam no processo de acolhimento.

No quadro abaixo, estão as principais estratégias que foram mencionadas e observadas em dois ou mais casos, sendo aplicados pelas creches e escolas analisadas.

Quadro 3 – Estratégias relatadas em comum

<b>Estratégias em comum no relato das professoras entrevistadas</b>	<b>Quantidades de textos em que aparecem</b>
Parceria e diálogo com a família	2
Ambiente acolhedor e organizado para receber as crianças	3
Objetos transicionais	3
Presença de um familiar/pessoa de referência	2
Ingresso gradual/horário reduzido	2

Fonte: elaborado pela autora

A parceria, diálogo e acolhimento da família é estabelecido pelo RCNEI (1998):

Reconhecer que os pais são as pessoas que mais conhecem as crianças e que entendem muito sobre como cuidá-las pode facilitar o relacionamento. Antes de tudo, é preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a parceria de cuidados e educação visando ao bem-estar da criança.

A família como primeiro contexto de socialização do bebê e da criança e a escola como instituição e local de novas vivências e aprendizados, devem caminhar juntas a fim de possibilitar meios de que a criança crie laços positivos com a escola (Marcarini, 2012). A comunicação contínua com os familiares, é importante para alinhar as expectativas e compreender melhor as particularidades de cada bebê, buscando reconhecer a participação dos pais como uma contribuição fundamental no processo educativo.

Porém, ainda sobre isso, Castro (2024) define a comunicação e boa relação entre família e escola, como uma estratégia indireta, que segundo a autora, seriam estratégias que apesar de importantes para esse momento de transição, são, na verdade, estratégias gerais, configurando “muito mais o sentido de qualidade educacional como um todo, do que somente o período de transição de bebês e crianças para a instituição” (Castro, 2024, p. 86).

No mesmo sentido, um ambiente acolhedor e organizado intencionalmente para receber as crianças, também é uma importante estratégia não somente durante o acolhimento, mas imprescindível durante todo o período e atividades propostas. Com relação a relevância da preparação da sala para o acolhimento Pantalena (2010, p. 98) diz:

Um ambiente convidativo para a criança explorar é fundamental. Se o ambiente é pobre, a criança tem pouco estímulo para deslocar-se pela sala e estabelecer interações com os adultos ou crianças.

Consciente disso, as professoras das diferentes creches e escolas pesquisadas buscam arrumar o espaço de modo a dispor brinquedos e objetos que despertem o interesse das crianças

e possam estimular uma maior interação entre elas, o ambiente, e as professoras. Como foi observado por Marcarini (2012, p. 27) na sala de aula que analisou:

A sala do infantil Três C, que foi o local deste estudo, é preparada para que fique organizada com brinquedos, jogos, livros, coleções e outros artefatos que possam estar ao alcance das crianças. A intenção é deixar, nos primeiros dias, durante a entrada, que elas circulem mais livres pelo espaço da sala, explorando os objetos que desejarem.

Semelhantemente, permitir que as crianças levem objetos de apegos que para ela tenham valor sentimental como paninhos, chupetas ou brinquedos, auxilia no conforto e aconchego, uma vez que é um pedacinho de casa levado para o novo ambiente institucional Castro (2024). Em consonância, Staccioli (2013, p. 54) exprime:

São os primeiros dias de aula. As crianças chegam com as coisas mais estranhas. São, em geral, objetos trazidos de casa, materiais afetivos e que lhe permitem dar um sentido de continuidade e de segurança aos seus dias na escola.

A presença de um familiar durante os primeiros dias de inserimento, também é uma estratégia importante, indicada através do RCNEI (1998):

É importante que se solicite, nos primeiros dias, e até quando se fizer necessário, a presença da mãe ou do pai ou de alguém conhecido da criança para que ela possa enfrentar o ambiente estranho junto de alguém com quem se sinta segura. Quando tiver estabelecido um vínculo afetivo com o professor e com as outras crianças, é que ela poderá enfrentar bem a separação, sendo capaz de se despedir da pessoa querida, com segurança e desprendimento.

Em algumas escolas observadas a presença dos pais é permitida e estimulada por alguns períodos durante a primeira semana ou primeiro dia; os pais entram na sala com as crianças para brincar e auxiliar na familiarização com o ambiente, ou permanece na escola fazendo outras atividades e é ocasionalmente chamado pelas professoras para acolher ou auxiliar em alguma atividade, como é o caso da creche que organiza oficinas para promover maior interação entre escola e família enquanto os pais não estão com as crianças. Na creche que não permite a figura de referência, no entanto, é observado o seguinte acontecimento:

Diante de tantas reações diversas e imprevisíveis, a diretora entra na sala e orienta as famílias a irem embora, justificando que a presença deles ali dificulta que as crianças parem de chorar. Os responsáveis saem da sala, e o choro se intensifica ainda mais. (Marcarini, 2012, p. 30).

A respeito disso, Staccioli (2013, p. 52) aponta após observar o desenvolvimento dos processos de acolhimento das crianças e da família durante a “adaptação”:

A chegada e ambientação das crianças são marcadas pelo respeito, por parte do adulto que a acompanha, ao tempo de separação, que é pessoal e diferente para cada criança. Os pais podem entrar e ficar na escola, e isso permite que a separação seja mais suave para as crianças: Fábio acompanha o avô até a porta; Giulio se convence de que o pai estará de volta depois do ritual do jardim. [...] A postura dos adultos em relação às crianças com dificuldade as ajuda a experimentarem outros modos de separação.

O ingresso gradual também é uma das estratégias utilizadas, sendo comum que as crianças iniciem os primeiros dias com um horário reduzido, para que gradativamente esse tempo vá aumentando conforme a familiaridade com o ambiente e professoras.

Outras estratégias mencionadas ocorreram em menor número, sendo observada em somente uma escola. Como é o caso da criança conhecer previamente a escola e as professoras, explorar mais os ambientes externos como forma de estimular as brincadeiras e interações e criar rotina para que as crianças não somente tenham previsibilidade das ações pedagógicas, mas também compreendam o período de separação através de assimilações, como por exemplo, relacionar o momento do jantar com chegada da mãe (Pantalena, 2010).

Em suma, é importante destacar que as estratégias devem ser aplicadas conforme as professoras e a equipe pedagógica observem as necessidades das crianças, adaptando-as conforme preciso. Em conformidade, Castro (2024, p. 65) discorre a respeito:

O mais importante com relação às estratégias é considerar o contexto, pois somente assim será possível avaliar a aplicabilidade das mesmas [...] Para algumas crianças pode ser positivo poder ficar um pouco mais na recepção com seus familiares; mas, para outras, o fato de o familiar prolongar a despedida pode gerar ainda mais ansiedade, gerando mais desconforto e sofrimento para a criança.

Similarmente, para que seja estabelecido um período de ingresso respeitoso que leve em consideração as particularidades dos bebês e crianças é fundamental reconhecê-las como sujeitos de culturas e hábitos que precedem a ida ao ambiente escolar e não devem ser desconsiderados. Desse ponto de vista, acolher de acordo com Staccioli (2013, p. 27) é também:

Tornar concreto e cotidiano o princípio de que a criança é “sujeito de direitos” e que tem o direito ao respeito e ao reconhecimento de suas exigências (explícitas e implícitas) é, também, uma tarefa nada fácil. [...] o respeito é uma escolha que deve se estender ao contexto (a família, o ambiente) no qual a criança vive. A tarefa é árdua se o adulto decidir realmente “acolher as crianças de modo personalizado e levar em conta as suas emoções e as de seus familiares” durante o período de ambientação e depois dele.

Marcarini (2012) também propõe que nesse sentido a entrada dos bebês e das crianças na instituição escolar seja vista com o propósito de acolher em vez de “adaptar”, buscando construir relações e experiências de troca, onde o adulto não precise se sobrepor para ensinar mas antes possam juntos construir os aprendizados.

#### **5.4 MENÇÃO DO BRINCAR COMO UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA**

Segundo Staccioli (2013, p. 30), a brincadeira é:

[...] capaz de mobilizar as crianças e de levá-las a “aprendizagens e relações”. À brincadeira é atribuída a tarefa de transformar a realidade que a criança vive de acordo com as próprias exigências interiores, revelando-se aos outros “em uma multiplicidade de aspectos, de desejos e funções”.

É durante a brincadeira que as crianças têm a oportunidade de se relacionar umas com as outras, possibilitando que vivenciem diferentes sentimentos e formas de aprendizado: lidar com angústias e frustrações no socializar e partilhar, convivências e trocas, cenários em que usam a imaginação e experimentam as diversas formas de explorar os movimentos do seu corpo. Segundo Marcarini (2012, p. 104):

Nas fantasias criadas pelas crianças em suas interações com as pessoas e com os objetos ao seu entorno, elas se utilizam do “faz de conta” para ressignificar situações. Com sua imaginação, experimentam a vivência de estar em outros lugares, com outras pessoas ou com outros objetos. A essa capacidade que a criança apresenta de reinventar o mundo à sua volta por meio desse “faz de conta” é que Sarmento (2004) nomeia de fantasia do real.

A respeito disso, observa-se uma cena analisada por Staccioli (2013, p. 90):

Maria Luisa e Cristina estão no espaço da casa<sup>3</sup>, que fica na sala ao lado da turma delas. Retomam a brincadeira que tinham começado no dia anterior. Olham um boneco que está dormindo e começam um monólogo/diálogo em voz alta: “Eu vou tirar o pijama dele”, “Eu vou dar banho e vestir”, “Olha como ele grita”, “Eu vou preparar o café da manhã. [...] Lucca se aproxima e fica observando as meninas: “Posso ser o pai?”, “Sim, leve Claudio (o boneco) para a escola”.

[...] “Preciso de água para fazer café”, diz Maria Luisa. [...] Maria colocou a panelinha com o café no fogo.

[...] Nesse meio tempo, Serena se vestiu de professora: colocou sapatos de salto, um vestido comprido e um lenço no pescoço. [...] “Agora preciso de folhas e canetinhas... e também um pouco de livros para ficar como uma escola de verdade”.

O autor destaca a importância do professor promover meios de oportunizar o desenvolvimento das brincadeiras através da organização dos espaços (Staccioli, 2013), que deve não somente ofertar recursos, como diferentes tipos de objetos, mas também serem dispostos e organizados de maneira acessível. Nota-se na cena, que as crianças têm autonomia de manusear os diferentes tipos de materiais e que eles ficam ao seu alcance, o que torna o decorrer da brincadeira espontâneo e desprendido, dando liberdade aos acontecimentos.

Ao longo da análise das dissertações observa-se que o brincar não é mencionado como uma estratégia, apesar de estar presente em algumas vivências, é estimulado brevemente como uma tentativa de cessar o choro dos bebês e crianças:

[...] Professora pega um brinquedinho e o bebê para de chorar e passa a prestar atenção na conversa e nos móveis pendurados.

---

<sup>3</sup> Esse canto, assim como outras áreas-de-brincadeira, é indicado como um lugar que promove a brincadeira de “fazer de conta” (chamada também de brincadeira simbólica ou de papéis). [...] Para organizar esse canto, é desejável escolher com cuidado, equipando de maneira simples, essencial, com objetos pequenos mas verdadeiros, como, por exemplo, um velho moedor de café e uma pequena cafeteira. (Staccioli, 2013, p. 156)

[...] Professora 1 pega uma caixa de brinquedos e começa a cantar e bater palmas. Os bebês param um momento de chorar e olham para a professora, mas logo em seguida voltam a chorar. (Pantalena, 2010, p. 71 e 72).

Apesar disso, as autoras trazem importantes repertórios que evidenciam a brincadeira como um elemento da cultura infantil e um fator crucial para o desenvolvimento da relação do bebê e da criança com as professoras, auxiliando no estabelecimento do apego.

É nesse momento de interação, que segundo Pantalena (2010, p. 97) o bebê passa a reconhecer a professora como uma figura de referência:

O momento observado de interação professora-criança-criança, quando a Professora 1 começa a brincar de esconder sob uma fralda com um bebê e outro se aproxima e passa a brincar junto, é rico, com sorrisos, balbúcio e olhar dirigido à professora, que são comportamentos mediadores do apego (Bowlby). É um exemplo da área intermediária entre o interno e o externo (Winnicott) que se configura no brincar, é um dos momentos (o outro é o cuidado) no qual professora e bebê encontram-se, comunicam-se e estabelecem vínculos.

No entanto, faltam planejamentos e direcionamentos por parte da equipe pedagógica que estruture o brincar para potencializar vivências que permitam o desenvolvimento de brincadeiras que contribuam para que se sintam acolhidas e possam ressignificar através do lúdico o que experimenta e sente.

No que se refere a isso, Kishimoto (2010, p. 2) exprime que:

Para educar a criança na creche, é necessário integrar não apenas a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira. Essa tarefa depende do projeto curricular. Não se pode planejar o currículo sem conhecer a criança. É bebê? Criança pequena? Pré-escolar? Como aprende e se desenvolve? Cada uma é diferente da outra, vem de famílias e grupos étnicos diferentes.

Ainda levando em consideração a organização dos brinquedos e dos espaços, garantindo qualidade, e segurança do que é disposto aos bebês e crianças, Kishimoto (2010) destaca também a importância de atender a diversidade racial e não induzir e estimular nenhum tipo de preconceito e violência. Correspondentemente, Castro (2024, p. 91) destaca que:

Se o ambiente em que se é introduzido não possui nenhum elemento que remeta a algo conhecido, o processo de adaptar-se e “transitar” de uma condição para outra, de uma realidade para outra é dificultado. Portanto, de uma maneira bastante explícita, se uma criança não tiver sua identidade étnica ali representada nos brinquedos, imagens, músicas, roupas, etc., como esta criança irá se sentir representada e pertencente?

Pode-se ressaltar que, desse modo, o brincar e sua organização, previamente pensados e estruturados devem levar em consideração a idade dos bebês e crianças, o espaço e suas diferenças étnicas e culturais, a fim de estimular a identificação de uma imagem positiva de si e do mundo (Kishimoto, 2010), respeitando a pluralidade entre as crianças e também a valorização de suas singularidades, com o intuito de que não haja o apagamento e padronização de suas personalidades e comportamentos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar através da bibliografia disponível, de que maneiras ocorrem os processos de ingresso nas creches e instituições de educação infantil, a fim de investigar quais são as dificuldades e as estratégias com as quais as professoras se deparam durante esse período e se o uso do brincar e do acolhimento podem facilitar e atenuar esse processo, tornando-o mais tranquilo para os bebês e crianças.

Através da análise bibliográfica das dissertações selecionadas, evidenciou-se com as entrevistas e observações do processo de “adaptação”, que existem muitas dificuldades que o permeiam. A chegada nas escolas e creches é constantemente marcada por choro e insegurança e gera até mesmo nas professoras sentimentos de ansiedade para lidar com esse processo.

Nota-se a falta de preparo das creches e escolas em elaborar um plano político pedagógico que inclua a “adaptação” com direcionamentos e estratégias específicos, a fim de, conhecendo a instituição escolar e a comunidade na qual está inserida, direcionar quais planejamentos melhor atendem as necessidades das crianças e das famílias.

Em contrapartida, há também estratégias das quais as professoras e instituições se utilizam para receber os bebês e crianças que auxiliam nesse acolhimento. Algumas delas são direcionadas por iniciativa das próprias professoras que conhecendo as necessidades das crianças, buscam meios de pô-las em prática.

O brincar não surge diretamente como uma estratégia, apesar de estar incluído nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar. Observa-se que, assim como outras estratégias, apesar das professoras reconhecerem sua importância, ainda há uma carência de maior compreensão de como estruturar e planejar os momentos de brincadeiras, seja através da organização do ambiente ou da atenção à criança para iniciar um movimento do brincar que desperte seu interesse e auxilie na familiarização com o ambiente e na criação de vínculos com as professoras e colegas.

Portanto, o resultado dessa pesquisa evidencia que, ainda que o número de estudos sobre o tema tenha crescido nos últimos anos, ainda faltam pesquisas que corroborem com maiores análises do tema, assim como diretrizes educacionais que norteiem esse processo. Visto que o documento com maiores apontamentos sobre a temática é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil de 1998.

Desse modo, a lacuna existente exige que se forneçam aos profissionais da educação infantil bases teóricas e metodológicas consistentes para que possam, de fato, garantir o respeito

à criança, assegurando um processo de ingresso acolhedor e tranquilo, que valorize suas culturas e modos de ser na instituição escolar.

## 8. REFERÊNCIAS

ADAPTAÇÃO. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adapta%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 9 out. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) [...]. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm). Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal.pdf). Acesso em: 15 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução. Brasília, 1998. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category\\_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192](https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 24 fev. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CASTRO, Cíntia Regina Czysz de e AMORIM, Kátia de Souza. **Estratégias de transição e implementação institucional com o ingresso de bebês em instituições de educação infantil**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-07022025-145426/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

FUSSINGER, Natana. **Saberes da docência: especificidades identitárias das professoras de crianças bem pequenas de escolas infantis do Proinfância de Frederico Westphalen e região**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus de Frederico Westphalen, Frederico Westphalen, 2021. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11028305](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11028305). Acesso em: 24 fev. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. p. 74.

JORGE, Beatriz Fernanda. *et al.* **As crianças em tempos de pandemia: isolamento social e o direito aos espaços**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v.10, n.02, p. 260-273.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8411/4879>. Acesso em: 24 fev. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In:

Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo

Horizonte, 2010. Disponível em:

[https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida&category\\_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192](https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 09 out. 2025.

LOMBARDI, L. M. S. S.. Modos de pensar o corpo nas infâncias, na formação e na mediação cultural. **Aconteceu com Estela**. In: Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia. Arte: Pedagogia: Infâncias: Mediação Cultural: 2015, São Paulo. Anais do Simpósio Internacional: formação de educadores em Arte e Pedagogia. São Paulo: Terracota Editora, 2015. p. 65-75. Disponível em: [https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/\\_files/ugd/7ee6db\\_6dff04f4302e457abdcd1747c10bf157.pdf](https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_6dff04f4302e457abdcd1747c10bf157.pdf). Acesso em: 24 fev. 2025.

LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos**. [S.l]: Editora Record, 2003.

MAGALHÃES, Gustavo Abdouni. **Falta atenção, sobra cansaço: retratos de creches municipais de Sorocaba**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

MARCARINI, Célia Verônica. **As primeiras experiências das crianças na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Vitória, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6100>. Acesso em: 24 fev. 2025

OLIVEIRA, Inês Alexandra da Conceição. **A Adaptação das Crianças às Instituições de Educação de Infância**. Relatório do Projeto de Investigação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) — Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal, dez. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/10851>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PANTALENA, Eliane Sukerth. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23062010-115822/pt-br.php>. Acesso em: 23 fev. 2025.

RISTOF, Luciana Stumpf. **A chegada dos bebês na escola de educação infantil: acolher com sensibilidade**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) — Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2020. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/88f0f8f6-88ec-4152-aa62-bcdd0c8d88d8>. Acesso em: 23 fev. 2025.

ROMÃO, Magda Filipa Carvalho. **O papel do educador de infância no processo de adaptação das crianças na creche e no jardim-de-infância**. Relatório de Projeto de Investigação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) — Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/30423>. Acesso em: 23 fev. 2025.

ROSEMBERG, F. Estudos sociais sobre a infância e direitos da criança. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 689–691, 2010. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/141>. Acesso em: 01 nov. 2025.

SILVA, Patrícia Raquel Ferreira. **A Adaptação e o Bem-Estar em Creche e Jardim de Infância**. Relatório de Projeto de Investigação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) — Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/29406>. Acesso em: 23 fev. 2025.

STACCIOLI, Gianfranco, **Diário de acolhimento na escola da infância**, Ed. Autores Associados: Campinas, 2013.

VARELA, Nicole Sofia Gomes. **A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância**. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) — Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve, Faro, 2019. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/f553305b-e264-4d73-9c04-64a1fbb74170>. Acesso em: 23 fev. 2025.